

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

Conselho Editorial

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Presidente*
WILSON FIGUEIREDO — *Vice-Presidente*

Conselho Consultivo

FRANCISCO DE SÁ JÚNIOR
FRANCISCO GROS
JOÃO GERALDO PIQUET CARNEIRO
JORGE HILÁRIO GOUVÊA VIEIRA

MARCELO PONTES — *Editor*ROSENAL CALMON ALVES — *Editor Executivo*ORIVALDO PERIN — *Secretário de Redação*SÉRGIO RÊGO MONTEIRO — *Diretor*

Falsos Dilemas

O argumento básico do discurso de Fernando Henrique Cardoso na Universidade Livre de Berlim desarma a arapuca preferida das oposições desleais: a de apresentar o presidente como uma espécie de Dr. Jekyll (o médico) que escolheu desempenhar o papel de Mr. Hyde (o monstro). Forma de insinuar que o fisiologismo cínico de sua *persona* acabou sufocando o bom mocismo sociológico de sua personalidade. Maneira solerte e cômoda de apresentá-lo como um renegado.

A vulgata desta tentativa é a popularidade da lorota de um repórter desconhecido segundo a qual, depois de chegar ao poder, o presidente teria pedido que esquecessem o que o sociólogo escreveu no passado. A invenção foi maliciosamente adotada pela mitologia política como prova de incoerência intelectual ou — o que é pior — de oportunismo moral.

Fernando Henrique Cardoso reiterou em Berlim pela milionésima vez que nunca proferiu tal frase, acrescentando com um travo de mágoa que a imprensa (uma certa imprensa) é capaz de transformar a opinião de um repórter na frase de um cientista.

O presidente já deve estar familiarizado a esta altura com o poder de adulterar a realidade de tudo o que é impresso e publicado. A melhor prova dessa esquizofrênica megalomania foi a publicação da foto de Fernando Henrique montado num cavalo, em campanha pelo sertão, com a legenda dizendo que sua montaria era um jegue.

Estas histórias “pegam” porque não são inocentes: elas transformam toda e qualquer revisão intelectual em traição ideológica e isentam quem as espalha de reexaminar seus próprios pressupostos à luz das mutações históricas deste final de século. Chame-se a isso fidelidade aos próprios preconceitos. Ou de artifício para não ter de se explicar.

Fernando Henrique Cardoso desmontou a arma-

dilha do mister Hyde que engole o doutor Jekyll ao dizer que não se escolhe o momento em que se vive, o homem é um “ser em situação”, e a sua é a do ilustre sociólogo que chegou à presidência do Brasil. Ocioso debater se ele é um luxo para o Brasil, se Lula ou Brizola ou Enéas não seriam mais representativos — foi ele o eleito. Não cabe o condicional.

Por isso, diz ele, o sociólogo não tem alternativa, tem que ser presidente. “Não pode ter a pretensão do saber com S maiúsculo. Tem que ter humildade para tomar decisões que são duras. E humildade para tomar decisões que não correspondem ao que se deseja, mas o que se pode, desde que não se perca de vista que tem de ter um símbolo.”

Não que haja, de um lado o sociólogo, do outro o Presidente. Mas sim que uma coisa é ocupar uma cátedra, outra muito diferente é ocupar a presidência da República. Sobretudo no país dos Paes de Andrade. No país que tem bancadas, mas não partidos. Em que se troca de legenda como se muda de camisa. Em que o Congresso, como diz ele, é “um somatório de interesses fragmentados” que minam a capacidade de ação e dificultam a soma de forças para as mudanças.

Constatar que o país da “casa-grande e senzala” descrito por Gilberto Freyre transformou-se no país da “grande indústria e favela” é o oposto à denegação sistemática e polida das injustiças e desigualdades brasileiras praticada por nossos representantes profissionais no exterior.

Quem o diz não é um sociólogo que chega à universidade “pela primeira vez protegido por policiais”. Mas um presidente da República consciente de que o que hoje mobiliza o Brasil é a aspiração por justiça social e a cidadania plena. Mas que sabe não ser fácil canalizar os impulsos da sociedade a favor das mudanças tendo em vista as limitações da realidade política.